

AGRICULTURA NA CIDADE E A BUSCA DA SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL REFLEXÕES A PARTIR DA ZONA OESTE DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Denis Monteiro*

Marcio Mattos de Mendonça**

Robledo Mendes da Silva***

Sueli Conceição de Figueiredo****

Notas Introdutórias

O tema da segurança alimentar e nutricional está em pleno debate no Brasil. Projetos e programas que abordam a temática se inserem cada vez mais nas agendas de governos e organizações da sociedade civil. Também o tema da agricultura urbana começa a ser reconhecido e estudado em todo o mundo, inclusive no Brasil, havendo diversas iniciativas nesse campo e começando a surgir estudos acadêmicos. Quais os significados e as funções das agriculturas realizadas no meio urbano? Quais as suas contribuições para a promoção de maiores níveis de segurança alimentar e nutricional, principalmente das famílias mais pobres das comunidades urbanas? Estas são as questões que o presente artigo aborda.

Significativa parcela das populações residentes nas periferias das grandes metrópoles brasileiras é oriunda dos intensivos processos de migração campo-cidade ocorridos nos últimos 40 anos. Ao se estabelecerem no meio urbano, as famílias de antigos agricultores se viram obrigadas a desenvolver modos de vida muito diferentes daqueles regulados pelos ciclos da Natureza a que estavam habituadas. Se, por um lado, esses novos modos de vida assimilam a essência das formas de convivência social propriamente urbanas, por outro, retêm antigas práticas provenientes de suas origens rurais, que continuam a se manifestar no vocabulário, na culinária, nas artes, na sociabilidade etc. Esse verdadeiro amálgama cultural favorece que famílias socialmente marginalizadas nas cidades mobilizem sua inteligência criativa para desenvolver estratégias de sobrevivência ajustadas aos novos contextos de precariedade e de privação de direitos elementares aos quais estão submetidas, entre eles o de se alimentar de maneira saudável e equilibrada. Apesar de sua minúscula expressão em termos espaciais, os quintais domésticos representam verdadeiros redutos para o exercício de práticas de produção alimentar ainda bastante presentes nas referências culturais dessas populações (Monteiro e Mendonça, 2004).

O tema da agricultura urbana é ainda incipiente no debate político sobre a promoção da segurança alimentar e nutricional nas cidades. Por um lado, porque o reconhecimento da existência da agricultura na cidade, suas características e potencialidades, é muito recente, e por outro, porque as ações assistencialistas ocupam o centro do debate da promoção da segurança alimentar e nutricional de populações urbanas.

Desde finais de 1999 a AS-PTA (Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa) desenvolve um Programa de Trabalho em Agricultura Urbana, em comunidades pobres da periferia do município do Rio de Janeiro, orientado para o incentivo e fortalecimento das práticas de aproveitamento agrícola de espaços urbanos. O trabalho parte da premissa de que existem iniciativas espontâneas nas comunidades, que devem ser identificadas, valorizadas e potencializadas através da promoção de intercâmbios e trocas de experiências, e que as organizações e movimentos sociais locais têm um papel fundamental nesse processo.

Contextualização

A zona oeste do Rio de Janeiro, excetuando-se os bairros de Jacarepaguá e Barra da Tijuca, ocupa uma área de 592,33 Km², dividida em 20 bairros, ocupados por 450.246 domicílios. Nela residem aproximadamente 1.556.505 habitantes (Dados estatísticos da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro).

Os moradores dessa região vivenciam problemas sociais e econômicos gerados pela ausência de atendimentos adequados nas áreas de alimentação, saúde, educação e moradia. A problemática social da região está relacionada com o histórico de ocupação desordenada do espaço. A maioria das comunidades é desprovida de saneamento básico, com mais de 50% da rede de esgotos inadequados (IplanRio, 1997), lançados sem tratamento nas galerias ou nas "valas negras" existentes.

A maioria dos moradores da região possui residências com situação fundiária irregular, com construções inacabadas. O número médio de pessoas por domicílio é maior que quatro (Iplan, 1997), ocorrendo na região famílias compostas por mais de 10 pessoas.

As taxas de desemprego na região são muito altas e para muitas famílias há restrições orçamentárias para a aquisição de gêneros básicos como alimentos, remédios, vestuário, entre outros. A maioria dos chefes familiares não possui emprego com vínculo empregatício. Muitas famílias se mantêm a partir de "biscates" que um ou mais membros são

obrigados a realizar, levando a uma alta instabilidade econômica e social.

A vulnerabilidade à insegurança alimentar e nutricional é uma característica que se manifesta de forma recorrente em meio às famílias, o que se deve à combinação de dois fatores interdependentes: a dificuldade de acesso aos alimentos em razão dos baixos níveis de renda familiar e a tendência à homogeneização dos hábitos alimentares, em que prevalece a baixa qualidade nutricional das dietas, em geral carentes de vitaminas e sais minerais (quadro 1).

Quadro 1 - As questões de segurança alimentar e nutricional no Loteamento Ana Gonzaga

Em pesquisa realizada no Loteamento Ana Gonzaga (Maia, Maluf e Silva, 2003), foram identificadas, dentre as famílias mais vulneráveis à pobreza, diversas sem renda mensal e muitas outras com renda até R\$ 200,00. A restrição de renda para aquisição dos alimentos foi levantada como principal dificuldade relacionada à alimentação. As dietas das famílias se baseiam quase que exclusivamente no consumo de café, leite, pão e margarina no café da manhã, e arroz e feijão nas demais refeições. Cerca de 50% das famílias ficam até três semanas sem consumir hortaliças ou carnes.

A cultura política na região é fortemente marcada pelas relações de clientelismo e assistencialismo. Alguns exemplos de ações assistencialistas são as doações de cestas básicas e de refeições prontas (sopões) por parte de políticos, entidades religiosas e/ou filantrópicas, e os programas governamentais de complementação de renda. Ademais, a sociabilidade comunitária é negativamente afetada pelo poder do tráfico de drogas e de grupos de extermínio.

Esse contexto dificulta o desenvolvimento de formas ativas de associação comunitária orientadas para o enfrentamento dos problemas vivenciados coletivamente. Apesar disso, as famílias e algumas organizações desenvolvem estratégias próprias e emancipadoras para fazer frente às carências alimentares e nutricionais, como as ações no campo da educação alimentar e a adoção de práticas agrícolas nos quintais.

Na região ainda são encontradas residências com quintais de terra e terrenos sem construções. Em alguns desses espaços são desenvolvidas

Agricultura na cidade, cultura alimentar e o enfoque agroecológico

As agriculturas desenvolvidas no meio urbano tendem a ser diversificadas, com cultivo de diversas espécies numa mesma área, como estratégia de maximização dos pequenos espaços disponíveis e como reflexo dos conhecimentos agrícolas herdados das áreas de agricultura familiar e dos quintais rurais, que têm como princípio a diversificação produtiva.

Nos espaços urbanos, são comuns pequenas parcelas que mantêm diversas categorias de cultivos, frutíferas, medicinais, cereais, hortaliças e ornamentais e ainda algumas criações animais para fins alimentares. Além disso, muitas vezes são cultivadas espécies e variedades não encontradas facilmente nos mercados, reflexo de hábitos culturais trazidos de outras regiões e mantidos no meio urbano.

Madaleno (2002), em pesquisa sobre a agricultura intraurbana em Belém, identificou que os quintais domésticos são os espaços predominantes. Na pesquisa, cerca de 71% dos entrevistados cultivavam lotes adquiridos legalmente, outros se valiam de espaços emprestados e 20% eram ocupações ilegais, em terras públicas ou privadas. A pesquisa mostrou ainda que a maioria das iniciativas de agricultura nos espaços intraurbanos é realizada por mulheres e que os migrantes de origem rural são os mais persistentes na prática da agricultura urbana. A pesquisa conclui que uma em cada três famílias belenenses produz vegetais ou cria animais dentro da cidade, a grande maioria em porções de terra entre 51 e 500 m². Os hábitos e os conhecimentos de cultivo, segundo a pesquisadora, são passados de geração em geração, juntamente com as heranças das moradias e dos terrenos. Em Belém, o plantio de espécies frutíferas predomina nas áreas intraurbanas, sendo que 95% dos locais pesquisados têm pelo menos uma árvore frutífera. As espécies mais abundantes são o açaizeiro, a goiabeira, o jambeiro e o abacateiro. A autora nota, em relação a essa última fruteira que, além de diversos usos medicinais levantados pelos moradores, é relevante o valor calórico do abacate, já que uma única fruta tem cerca de 980 calorias - quase a metade das necessidades nutricionais de um adulto - e uma riqueza em vitaminas A, B, C, D e E. Nos quintais também são encontradas espécies hortícolas,

principalmente condimentos utilizados em pratos típicos, e até mesmo cereais, raízes e tubérculos, além das medicinais e ornamentais.

Em diagnóstico participativo realizado em parceria pela AS-PTA com a Associação de Moradores local e com as agentes comunitárias de saúde, na comunidade Loteamento Ana Gonzaga, em Campo Grande, no Rio de Janeiro, foi observado também que há grande diversidade de plantas cultivadas. Assim como em Belém do Pará, predominam as árvores frutíferas, presentes em 65% dos quintais, seguidas pelas plantas medicinais, observadas em 62%. Na seqüência aparecem as ornamentais, em 55%, e por último as demais alimentícias, encontradas em 45% dos lotes visitados (gráfico 1). Um número considerável de quintais possui plantas das quatro categorias

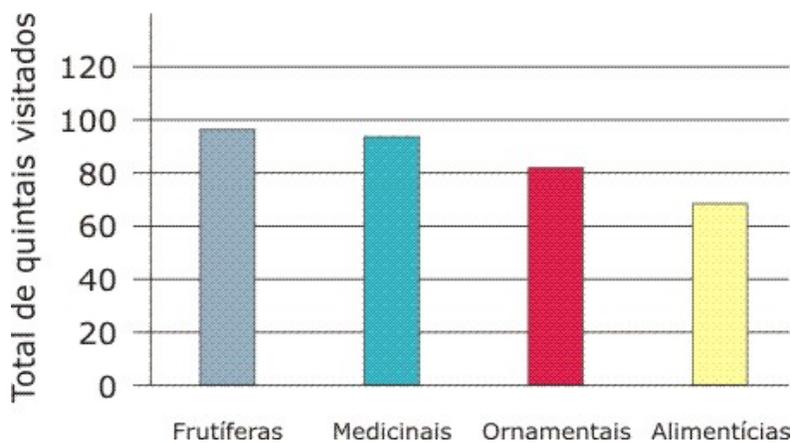


Gráfico 1: Incidência de diferentes categorias de cultivos praticados nos quintais do Loteamento Ana Gonzaga.

Foram observadas 31 espécies frutíferas e perenes cultivadas, sendo as principais em ocorrência: acerola, banana, coco, goiaba, manga. Foram encontradas 41 espécies de plantas medicinais, sendo a principal o boldo. Observou-se também 32 diferentes cultivos alimentares anuais, com predominância de tomate, abóbora, couve e quiabo.



A produção de alimentos não é a única função da agricultura realizada na cidade. O diagnóstico participativo do Loteamento Ana Gonzaga revelou outras motivações. Alimentação (disponibilidade e qualidade do

alimento e sua interferência na saúde) e ocupação, referindo-se ao prazer/gosto de plantar e ao cultivo como forma de ocupação e terapia, foram as principais motivações apontadas pelos moradores para o cultivo nos quintais.



A qualidade dos alimentos, devido à não utilização de produtos químicos no processo de produção e ao fato de serem produtos frescos (colhidos na hora), é outro aspecto valorizado pelos moradores da comunidade. Para

algumas das famílias mais pobres da comunidade, o quintal é a única fonte de hortaliças. Fleurinice, moradora antiga da comunidade, lembra dos tempos difíceis quando seu marido ficou desempregado. Diz ela que com os "biscates" que ele fazia, compravam o "grosso" (arroz, feijão, macarrão etc). As hortaliças e frutas eram provenientes do quintal e alimentavam toda a família.

A questão da socialização também é relevante, já que as pessoas plantam, cuidam do quintal e trocam, mudas, sementes, alimentos e conhecimentos, com os parentes e vizinhos. Essa é, portanto, uma oportunidade de resgatar sociabilidades perdidas no meio urbano (quadro 2).

Quadro 2: Relações de vizinhança

Dona Áurea e Seu Francisco moram no Loteamento Ana Gonzaga e são vizinhos. Ambos gostam muito de plantar, mas têm pouco espaço. A famosa troca entre os vizinhos, tão comum no meio rural, é reproduzida aqui num contexto urbano. Quando os pés de cajá-manga e côco da Dona Áurea estão carregados, ela divide a produção com os vizinhos. Já Seu Francisco tem bortalha suficiente para consumir e doar. Dona Áurea fala também que já deu mudas de plantas medicinais para muita gente na comunidade, e que hoje, quando necessita, sabe onde encontrá-las.

A restrição de espaço e a baixa qualidade das terras dos quintais são especificidades dos ecossistemas urbanos. Essas características são normalmente apontadas pelos moradores como alguns dos principais

limitantes à realização da agricultura na cidade. As práticas agrícolas precisam se adaptar a esse ambiente. Os moradores das comunidades têm buscado experimentar alternativas de aproveitamento desses espaços (quadro 3)

Quadro 3: Aproveitamento de quintais bem reduzidos



Na cidade são comuns casas com quintal sem terra. Diversas pessoas recorrem aos vasos, latas, potes, pneus velhos, bidês, bacias, canteiros de alvenaria ou madeira para cultivarem plantas ornamentais, medicinais, temperos e outras hortaliças que não precisam de muito espaço.

Esse é o caso da Dona Dochinha, moradora do Vilar Carioca, que busca aproveitar bem o pequeno espaço que tem, fazendo sua sementeira numa bacia em cima da casa do cachorro e plantando taioba, que ela descobriu que cresce bem na sombra, num canteiro encostado no muro. Dona Fia começou a plantar diversas plantas medicinais em vasos no seu terreno, a partir de um curso de agricultura em quintais que fez com moradores de outras comunidades. Tem intenção de trabalhar com remédios caseiros de plantas junto à igreja da qual faz parte. Tanto Fia quanto Dochinha são líderes da Pastoral da Criança, e vêm buscando incentivar as famílias por elas atendidas a plantar em suas próprias casas. Seu Rubi tem grande experiência com agricultura, está sempre lendo sobre o assunto e assistindo a programas de televisão para aprender um pouco mais. A horta que tinha na laje de sua casa era referência em toda a comunidade onde mora. Hoje em dia, aproveita o espaço que tem para plantar em vasos e latas, além de criar galinhas num pequeno cercado no quintal.



Merecem destaque, dentre as iniciativas de agricultura na cidade, o cultivo de plantas medicinais e a utilização de remédios caseiros, comuns nas referências culturais de muitos habitantes urbanos. Essa é uma prática generalizada que permite, além do resgate do conhecimento popular, a melhoria das condições de saúde através da prevenção e

tratamento de alguns problemas simples com plantas medicinais, seja através de chás e infusões, seja a partir da elaboração de tinturas, pomadas e outras formas de manipulação caseira mais elaboradas.

Agricultura Urbana e Segurança Alimentar e Nutricional: algumas questões a título de conclusão

Do ponto de vista dos impactos na alimentação, a produção de alimentos na cidade não supre, e dificilmente têm potencial para suprir, na totalidade, as necessidades nutricionais dos moradores. No entanto, a produção local é uma forma de acesso aos alimentos distinta dos mecanismos de mercado e assistencialistas, comuns no contexto urbano. (Monteiro e Mendonça, 2004).

O cultivo de uma diversidade de plantas nos espaços existentes nas cidades fortalece as alternativas locais para o enfrentamento da fome e da má nutrição, ampliando a produção e o consumo de alimentos saudáveis, principalmente em comunidades que vivenciam situações de sérias carências socioeconômicas. Do ponto de vista econômico, a produção na cidade contribui para a renda familiar, através da diminuição de gastos com alimentação e possível comercialização de excedentes. Há diversos exemplos no mundo todo em que experiências de agricultura na cidade contribuem para o enfrentamento de situações de insegurança alimentar e nutricional (quadro 4).

Quadro 4: Breves informações de Argentina, Cuba e Chile

Na Argentina, a agricultura urbana teve um grande impulso com a enorme recessão econômica vivenciada no país entre finais da década de 1990 e início da década de 2000. O número de hortas, comunitárias ou familiares, cresceu bastante nos últimos anos, inclusive na capital, Buenos Aires.

As estimativas indicavam a existência de mais de 450.000 hortas urbanas no país em 2002, com tamanhos que variavam de 100 a 200 m² para unidades familiares ou escolares a 1.000 m² para as áreas comunitárias (BACKWELL, 2002). Muitos dos agricultores urbanos estão desempregados e são militantes de movimentos sociais urbanos que vêem nas hortas uma forma de garantir parte da alimentação de que a população necessita. Algumas hortas fornecem alimentos para as cozinhas comunitárias que também tiveram grande impulso devido à crise econômica. Em Cuba, a agricultura urbana está hoje

Em relação à qualidade dos alimentos e da alimentação, a produção de frutas e hortaliças nos espaços urbanos permite que os moradores em condição de pobreza consumam alimentos que em geral não comprariam. Também cumpre o papel importante no fornecimento de nutrientes, especialmente vitaminas e sais minerais, dos quais as dietas são em geral carentes. Além disso, permite uma diversificação dos hábitos alimentares e facilita processos de educação alimentar e nutricional. A qualidade dos alimentos é outro aspecto de relevância, uma vez que a produção agroecológica no meio urbano não utiliza produtos químicos.



A experiência da AS-PTA no Rio de Janeiro tem mostrado que o tema da agricultura urbana mobiliza grupos de pessoas, comunidades, organizações e movimentos sociais. A agricultura urbana promove interações, discussões, decisões e ações, gerando energia social e política para a busca de uma vida melhor para todos e todas.

Referências bibliográficas

BACKWELL, B. Grow your own democracy. *The ecologist*. S.I, v. 32, n. 8, out. 2002. Disponível em <<http://www.mindfully.org/WTO/Democracy-Grow-Your-OwnOct02.htm>>. Acesso em : 01 abr. 2004.

BOURQUE, M.; CANIZARES, K. Urban agriculture in Havana, Cuba. *Urban agriculture magazine*. S. I.: RUAFA, v. 1, n. 1, jul. 2000.

IPLANRIO. Favelas cariocas. IPLANRIO, 1997.

LUNARDI, V. L. e MENDONÇA, M. M. Conhecendo os quintais do Loteamento Ana Gonzaga. Rio de Janeiro, 2003. (mimeo)

MADALENO, I. M. A cidade das mangueiras: agricultura urbana em Belém do Pará. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002. 193 p.

MAIA, P. de O.; MALUF, R. S. J.; SILVA, L. C. Agricultura urbana e a promoção da segurança alimentar e nutricional numa comunidade em Campo Grande - Rio de Janeiro, 2003. (mimeo)

MONTERO, A. Desarrollo Local Sustentable: agricultura urbana, microempresas y manejo de residuos solidos. *Agroecologia y Desarrollo*. Santiago: Clades, n. 11/12, nov. 1997. p. 89-98.

MONTEIRO, D; MENDONÇA, M. M. Quintais na cidade: a experiência de

moradores da periferia do Rio de Janeiro. Revista Agriculturas: experiências em agroecologia, Rio de Janeiro, v.1, n.0, p.29-31, set.2004.

MURPHY, C. Cultivating Havana: urban agriculture and food security in the years of crisis. Oakland: Institute for Food and Development Policy, 1999. 51 p.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Rio oeste: a correnteza urbana carioca leva o Rio para a zona oeste. IPLANRIO: estudos cariocas. S.d.

* Denis Monteiro é engenheiro agrônomo, assessor técnico do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA há 6 anos. Desenvolve trabalhos no campo da agroecologia junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) desde 2001.

** Marcio Mattos de Mendonça é engenheiro agrônomo, mestre em ciência do solo. Coordena o Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA há 6 anos. Coordenou o Centro Ecológico Metodista Ana Gonzaga por 3 anos e foi membro da comissão técnica da Associação dos Agricultores Biológicos do Estado do Rio de Janeiro por 6 anos.

*** Robledo Mendes da Silva é professor do ensino fundamental na baixada fluminense, estudante de Licenciatura em Ciências Agrícolas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. É estagiário do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA há 3 anos.

**** Sueli Conceição de Figueiredo é assistente social e geógrafa, assessora técnica do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA há 6 anos. Trabalhou na Secretaria Municipal de Assistência Social da Prefeitura Municipal do Rio do Rio de Janeiro por 2 anos.